

As áreas alagáveis do Solimões Amazonas na visão dos ecólogos

Maria Teresa Fernandez Piedade

**Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA, CBPA, Projeto INPA/Max-Planck, Avenida André Araújo 2936, Petrópolis, 69011-970, Manaus, Amazonas, Brasil.
E-mail: maitepp@vivax.com.br**

Resumo:

As várzeas do Amazonas/Solimões cobrem uma área relativamente pequena, apenas 4% da área de total da Amazônia brasileira, porém, elas concentram cerca de 80% da população rural da região, contribuindo com quase a totalidade da produção agrícola para os centros urbanos e mais de 60% da madeira que chega às grandes cidades como Manaus. Elas abrigam também grande parte da produção pesqueira que abastece a região. Por outro lado, as pressões de ocupação e as diferentes e concorrentes formas de uso têm levado a intensos processos erosivos, com perda do solo, da biodiversidade e das múltiplas funções desses ambientes.

A produção primária das várzeas é muito elevada. Plantas herbáceas aquáticas podem produzir até 100 toneladas em peso seco por hectare ao ano. Por outro lado, a decomposição e o transporte de material são intensos, de forma que o tempo de residência do carbono produzido é pequeno. Os ciclos de crescimento da vegetação relacionam-se ao ciclo hidrológico, estando a incorporação de carbono em árvores sincronizada com a fase terrestre e sua duração. Conseqüentemente, em anos de “El Nino” a produção primária das florestas de várzea aumenta, enquanto que há uma redução do crescimento nas florestas de terra firme. A quantidade de nutrientes disponíveis é elevada e seus ciclos são rápidos, relacionados fortemente aos processos de decomposição e flutuação do nível das águas, como já é bem descrito para o ciclo de nitrogênio. As áreas de várzea amazônicas são também importantes fontes produtoras de metano e de CO₂ para a atmosfera. As relações entre componentes bióticos e abióticos são intrincadas e fortemente interdependentes, levando à existência de endemismos. Os mecanismos adaptativos da biota à inundação periódica e suas conseqüências mostram-se complexos e, freqüentemente, novos para o conhecimento científico.

Historicamente o conhecimento acumulado sobre as áreas alagáveis amazônicas caminhou em descompasso com a pressão de seu uso e ocupação. Nas últimas décadas, entretanto, trabalhos multidisciplinares têm gerado importantes resultados que podem subsidiar políticas públicas mais adequadas e menos nocivas a esses ambientes. Para que esses estudos possam ser colocados em prática, os tomadores de decisão devem estar receptivos às informações geradas pelos ecólogos, inserindo as várzeas em propostas desenvolvimentistas que considerem a fragilidade desses ambientes, em oposição à visão da produção inesgotável